

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

DÉBORA MEDEIROS DA ROSA AIRES<sup>1</sup>; ISABELLA MOZZILLO (orientadora)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – [deboramedeiros3@gmail.com](mailto:deboramedeiros3@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - [isabellamozzillo@gmail.com](mailto:isabellamozzillo@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta algumas reflexões desenvolvidas na elaboração do Projeto de Tese inserido na linha *Aquisição, variação e ensino* do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel. O objetivo geral da pesquisa é analisar ideologias linguísticas implicadas na relação entre o par de línguas português e espanhol, a partir da visão de estudantes e de professores do curso de Letras de universidades públicas brasileiras e de institutos e centros de formação docente uruguaios.

Para alcançar esse objetivo, entende-se a importância de discutir o papel a ser desempenhado pela língua materna (LM) em aulas de língua estrangeira (LE), por ser um dos fatores que deve ser observado quando se trata do ensino/aprendizagem e que se baseia nas concepções do que é e de como se aprende uma língua.

O ensino de línguas transcorre sob a influência de muitos fatores e é alvo de muitas discussões interessadas sobre a melhor forma de realizá-lo. Os diversos métodos e os procedimentos que orientam o trabalho com LE foram se modificando muito ao longo dos tempos, adequando-se às visões e às ideologias quanto à forma como se entende que seja desenvolvida a própria aprendizagem de uma língua, quanto ao que se considera ser competente e também quanto a quais habilidades são necessárias e devem ser estimuladas.

Há, felizmente, uma vasta literatura sobre o ensino de LE, mas um ponto tem encontrado pouco respaldo na bibliografia, ou apresenta controvérsias quando é mencionado: o uso da língua materna (MOREIRA; GIL, 2004). Mesmo que algumas abordagens de ensino de línguas não proibam explicitamente o uso da LM, não há uma indicação clara de como esta deve ser tratada para que o aprendiz possa atingir melhores resultados. O que ocorre, na verdade, é que muitas vezes a existência da LM é simplesmente ignorada (COOK, 2001).

Consequentemente, enquanto o ensino de línguas foi se desenvolvendo seguindo algumas tendências no decorrer dos momentos históricos, algumas pressuposições foram sendo aceitas como fundamentos básicos do ensino/aprendizagem por grande parte dos professores e dos alunos, afetando muitas gerações, sem que fossem discutidas ou apresentadas explicitamente (COOK, 2001). Um desses pressupostos é a necessidade de desencorajar o uso da LM, que pode ser mais radical, indicando o banimento da LM, ou ocorrer de maneira mais branda e implícita, recomendando que a LM seja utilizada o menos possível e enfatizando a máxima exposição à LE. Tanto de uma forma como de outra, a LE é vista como positiva e a LM como negativa e que deve ser colocada de lado.

Essa abordagem monolíngue do ensino, que menospreza o valor da LM como recurso pedagógico facilitador, tem sua fundamentação em ideias como a de que a LE é mais bem ensinada com uma separação do repertório linguístico do falante, de que o uso de outras línguas diminui a qualidade da aprendizagem, de



que a LM é responsável pelos erros, interferências e fossilizações, de que utilizar a LM é um recurso evasivo e mostra de incompetência, e de que a intensa exposição à LE é condição precípua para o desenvolvimento das competências na língua-alvo.

O uso da língua materna recebe pouca atenção durante a formação de professores, o que gera a interpretação de que ela não tem nenhuma função a desempenhar (ATKINSON, 1987). Essa lacuna, portanto, também é responsável pelo desconforto que sentem muitos professores, com mais ou menos experiência, quando usam a LM em sala de aula ou permitem que os alunos o façam. Segundo ATKINSON (1987), uma das causas para o descaso no ensino de línguas com relação às implicações da presença da LM é a associação da tradução com o Método Gramática/Tradução, que é visto atualmente como precário e falho no desenvolvimento das competências na língua meta. Por isso, o apoio na LM é preterido por ser interpretado como improdutivo.

COOK (2001) elenca três argumentos principais para justificar a prescrição de se evitar a LM na aula de LE. O autor considerou para a discussão o pressuposto de uma situação em que o professor fale a LM dos alunos.

A primeira justificativa é a maneira como se dá a aquisição da LM. Assim, já que a forma como as crianças adquirem sua primeira língua é a mais bem sucedida, o ensino deveria basear-se nessas características. Os objetivos da aquisição da LM e da aprendizagem de LE são equiparados e tratados como idênticos e o fato de o aprendiz quase nunca performar como um nativo é entendido como um fracasso. No entanto, essa visão ignora que a mente de um aprendiz de LE difere consideravelmente da de uma criança, principalmente pelo fato inevitável de já haver nela uma língua consolidada. O autor esclarece que a atribuição de competência ou sucesso não deve ter os mesmos parâmetros para os falantes nativos e para os usuários da língua como uma LE.

O segundo argumento é de que a aquisição exitosa da LE depende de mantê-la separada e sem vínculo com a LM. Relaciona-se com o entendimento limitado de que a língua que o aluno já domina é responsável pelos principais problemas de aprendizagem, devendo ser eliminada o máximo possível. Porém, a construção de um sistema compartimentado não condiz com a realidade, pois as línguas se entrelaçam na mente dos falantes, seja no nível do vocabulário, da sintaxe, da fonologia ou da pragmática, por exemplo. Há conexões de inúmeras formas e não há separação de significados. COOK (2001) exemplifica que aprender uma LE não é como adicionar quartos a uma casa, construindo uma extensão na parte de trás, mas é como uma reconstrução das paredes internas, uma nova estruturação para os espaços que as línguas ocupam.

A terceira razão para o uso exclusivo da LE na sala de aula é a necessidade de exposição máxima à língua. O professor tem a função de fornecer amostras da LE e deve insistir para que esta seja o veículo de comunicação real durante a aula, encaminhando a aprendizagem no rumo correto. Caso não o faça, desperdiçaria uma oportunidade valiosa e estaria privando os alunos de uma experiência verdadeira com a língua meta. Obviamente, entende-se inegavelmente que o aluno precisa ter contato com a língua para que possa aprendê-la, mas isso não é incompatível com a presença da LM. Mesmo que se busque maximizar o *input* que o aluno recebe, deve-se ter claro que a comunicação no ambiente de uma sala de aula, que é formal e artificial, funciona como um gênero próprio, com restrições quanto aos tópicos de conversação, às funções da linguagem e aos papéis desempenhados por professores e alunos.

Já sob uma perspectiva que valoriza o ambiente bilíngue, a LM se mostra importante para o desenvolvimento do aprendiz nos níveis cognitivo, linguístico,

sociolinguístico, afetivo e sociocultural (MELLO, 2004). Assim, há uma reabilitação do papel da língua materna como um recurso pedagógico facilitador, ao qual se recorre como apoio para a construção das novas competências na língua meta.

ATKINSON (1987) indica algumas vantagens do uso da LM, que deve ser feito de maneira criteriosa e com base em estratégias. O autor menciona as técnicas de tradução como as mais significativas e preferidas pelos aprendizes para auxiliar no desenvolvimento da LE. Outra função importante da LM deriva de seu valor humanístico, ou seja, de ser uma ferramenta que permite aos alunos expressar o que realmente desejam em determinadas situações; a partir dessa expressão mais livre, o professor pode incentivar e ajudar os alunos a encontrar uma forma de dizer o que querem na LE. Além disso, as técnicas que envolvem o uso da LM demonstram eficiência na otimização do tempo necessário para atingir objetivos específicos.

Há o reconhecimento de que o aluno nunca parte de um nível zero de conhecimento quando está frente ao estudo de uma língua estrangeira, e por isso “é necessário apoiar-se no sistema lingüístico de que o aluno já dispõe, partir do conhecimento e aproveitar-se de sua perícia lingüística [...] para levá-lo a refletir sobre a linguagem e seu funcionamento” (MOORE, 2003, p. 89). A LM, que é o sistema mais bem dominado pelo aprendiz, é a base e a referência a partir da qual se poderá realizar a aproximação e a evolução da interiorização do novo sistema.

## 2. METODOLOGIA

Pretende-se realizar a geração de dados para a pesquisa a partir de questionários aplicados aos alunos e aos professores do curso de Letras – Português e Espanhol, de diferentes universidades públicas do Rio Grande do Sul, e também de institutos e centros de formação docente do Uruguai, de diferentes semestres de adiantamento, nos quais se solicitará que expressem de que maneira percebem a relação e o contato entre as línguas tanto em sua própria aprendizagem como nas aulas que ministram e se os professores formadores abordam esse tema com seus alunos e como o fazem.

A partir de uma pesquisa qualitativa, buscar-se-á realizar uma análise das ideologias linguísticas que tenham emergido das repostas dos participantes, para compreender se veem a relação entre as línguas como benéfica ou prejudicial ao processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira, de que maneira veem a questão do uso da língua materna na aula de língua estrangeira, se o aceitam ou o rejeitam, no todo ou em parte, e como os formadores recomendam que seja tratado o contato de línguas pelo futuros professores.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foram trabalhadas a revisão bibliográfica do tema a ser abordado, as bases teóricas que sustentarão a pesquisa e a metodologia para a elaboração do questionário que servirá como instrumento de coleta de dados.

Por tratar-se de um recorte de uma pesquisa em andamento, não é possível apresentar resultados e discussões, pois os dados serão ainda coletados para posteriormente serem analisados.

## 4. CONCLUSÕES



No contexto da sala de aula, há o entrecruzamento da diversidade, das línguas e da educação, sendo fundamental identificar e compreender as ferramentas que contribuem na construção das identidades dos participantes da comunicação e no enriquecimento das experiências sociais. Por esse motivo, torna-se importante uma aproximação às concepções e crenças, aos atores e aos papéis que desempenham nesse espaço de interação e de encontro (ÁLVAREZ, 2018).

Assim, pretende-se contribuir para a formação de professores de LE e para o aprofundamento dos conhecimentos sobre os processos inerentes à construção e ao desenvolvimento dos sistemas linguísticos em situação de contato. Entende-se a importância da reflexão sobre as visões e as crenças sobre as línguas, suas características e formas de desenvolvimento, pois os posicionamentos ideológicos influenciam nas escolhas feitas frente ao ambiente bilíngue.

A problematização do uso da LM nas aulas de LE almeja evidenciar os benefícios de se integrarem no processo de ensino/aprendizagem os saberes dos aprendizes de modo ativo e “aditivo, ao contrário de substitutivo, subtrativo, já que não se espera que a L2 substitua a L1, mas que, de alguma forma, se coloque lado a lado” (MELLO, 2004, p. 236).

A constituição de uma consciência sociolinguística sobre a diversidade deve fazer parte do processo contínuo de aprimoramento da experiência docente com o objetivo de valorizar a capacidade de dispor de elementos de cada uma das línguas sobre as quais se tenha conhecimento. A relação entre as línguas deve ser aproveitada positivamente para a reflexão, a formulação de hipóteses e a elaboração de estratégias para a aprendizagem, e não como um obstáculo a ser superado.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, A. C. R. Actitudes e ideologías lingüísticas de docentes de español: entre la corrección y el valor de la diversidad. **Análisis**, Bogotá, v. 50. n. 92, p. 95-117, jan/jun 2018.

ATKINSON, D. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? **ELT Journal**, Oxford University Press, vol. 41/4, p. 241-247, out. 1987.

COOK, V. Using the First Language in the Classroom. **Canadian Modern Language Review**, vol. 57, n. 3, mar. 2001.

MELLO, H. A. B. L1: Madrinha ou Madrasta? – O Papel da L1 na Aquisição da L2. **Signótica**, v. 16, n. 2, p. 213-242, jul/dez 2004.

MOREIRA, M. A. R., GIL, G. The use of the mother tongue in foreign language classes: A study of state school teachers' perceptions. In: GIL, G. et al (orgs.) **Pesquisas qualitativas no ensino e aprendizagem de inglês: A sala de aula e o professor de LE**. Florianópolis: UFSC, 2004.

MOORE, D. Uma didática da alternância para aprender melhor? In: PRADO, Ceres; CUNHA, José C. (orgs.) **Língua materna e língua estrangeira na escola. O exemplo da Bivalência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 89-99.